

EFEITOS COLATERAIS DO USO DOS CONTRACEPTIVOS HORMONAIS ORAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

PALUDO, Edineia¹, ZANELLA; Gabriela Zmieski²; POMPERMAIER, Charlene³

Resumo

Os anticoncepcionais orais são o método mais utilizado de contracepção no mundo. O objetivo deste estudo foi investigar os efeitos adversos causados pelo seu uso e suas contraindicações. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada na base de dados Biblioteca Virtual da Saúde, com a utilização dos descritores em saúde (DECs): contraceptivo oral AND efeitos adversos", resultando em 5 artigos. Os anticoncepcionais hormonais orais são descritos como o de primeira escolha, visto a facilidade de uso e interrupção quando desejado. Dentre os efeitos colaterais estão o aumento de peso, aumento de risco cardiovascular e tromboembolismo, associado a fatores de risco. As contra-indicações mais frequentes são a hipertensão, tabagismo, doenças hormonais, e predisposição à trombose. Conclui-se que o método contraceptivo oral é um dos mais eficientes e que desde que escolhidos cautelosamente, reduzem bastante o risco de complicações.

Palavras-chave: Anticoncepcionais. Fatores de risco. Contraindicações de medicamento.

1 INTRODUÇÃO

A pílula anticoncepcional foi criada no século XX por consequência dos avanços da fisiologia e endocrinologia reprodutiva. Inicialmente foi usada apenas no tratamento de problemas no ciclo menstrual e, após críticas pelos seus efeitos colaterais, começou a ser utilizada para fins contraceptivos em 1960 (FERREIRA ET AL., 2019). No Brasil, em 2015, 79% das mulheres utilizavam algum método contraceptivo como planejamento familiar, representando um índice 28% maior do que o registrado em 1970. Este alto consumo de

contraceptivos pode ser justificado por ser um método reversível, que permite a mulher escolher quando cessar o uso visando uma gestação, pela sua praticidade, baixo custo, e, por ser fornecido gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS) (RIBEIRO. et al, 2017).

Os contraceptivos orais podem ser combinados, ou seja, compostos de estrogênio e progesterona, ou somente progesterona, com composições hormonais diferentes. Atualmente, apesar da redução na concentração dos componentes e do surgimento de formulações próximas ao hormônio natural, o uso generalizado ainda merece atenção na sua prescrição devido aos efeitos causados sobre o sistema cardiovascular (RIBEIRO. et al, 2017).

Segundo Ferreira, et al (2019), os anticoncepcionais orais possuem pontos positivos como: redução no risco de cistos ovarianos, câncer ovariano e endometrial e doença mamária benigna; menor incidência de doença inflamatória pélvica (DIP) e gravidez ectópica (tubária); melhora dos sintomas pré-menstruais, da dismenorreia e da endometriose e diminuição do fluxo no ciclo menstrual, além disso, promovem o planejamento familiar.

Em contrapartida, como descrito por Couto et al, (2020) os anticoncepcionais hormonais como qualquer outro medicamento, podem causar inúmeros efeitos adversos. Desta forma, o presente artigo tem por objetivo investigar os efeitos adversos causados pelo uso de anticoncepcionais orais e as contraindicações do seu uso.

2 DESENVOLVIMENTO

Trata-se de um artigo de revisão integrativa de literatura. Segundo Souza, Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa é um método que proporciona a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática. Apresenta-se em seis etapas: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa.

Para a pesquisa, foi utilizada como base de dados a Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) por meio de uma busca combinada com os descritores em

saúde (DECs): "Contraceptivo Oral AND Efeitos Adversos" resultando em 12.975 artigos. Foram selecionados artigos em português, com texto completo disponível, publicados de 2016 a 2021, resultando em 12 artigos. Após a leitura dos resumos, 7 artigos foram excluídos por abordarem uma temática diferente da proposta, restando 5 artigos para a realização da pesquisa. Após a leitura dos artigos, foram sintetizadas as seguintes informações: efeitos adversos do uso de anticoncepcionais orais e suas contraindicações de uso.

Efeitos adversos do uso de anticoncepcionais orais

Ferreira et al., (2019) descrevem que os contraceptivos orais combinados de baixas dosagens de estrogênio/progesterona associados a estilos de vida sedentária contribuem para modificar o metabolismo das lipoproteínas, relacionado ao aumento dos níveis de colesterol total e triglicérides, podendo provocar alterações no peso, aumentar o risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares e tromboembólicas devido a alterações no perfil lipídico e hemostático. Também associa anticoncepcionais orais e o tromboembolismo venoso é principalmente determinado pelo componente estrogênico dessas substâncias. As progesteronas que são associadas, em geral, aumentam o risco de tromboembolismo venoso, contudo o levonorgestrel apresenta menor risco que as demais. Para trombose arterial, o tipo de progestagênio não altera o risco de trombose. O risco de tromboembolismo venoso em mulheres que utilizam anticoncepcionais orais é baixo, porém é maior do que o encontrado na população geral.

Em estudo realizado para avaliação da Proteína C Reativa (PCR) em mulheres que utilizam contraceptivos orais, uma em cada três mulheres usuárias da forma combinada apresentaram valores da PCR superior a 3 mg/L. Este resultado pode indicar risco elevado para doenças cardiovasculares e metabólicas nesta população, visto que valores < 1, 1-3 e > 3 mg/L são indicadores respectivamente de baixo, moderado e de alto risco para futuros eventos cardiovasculares. No que diz respeito ao aumento da PCR, não apresenta dados sobre eventos trombóticos. Porém, não nega o aumento de

peso, triglicerídeos, colesterol e diabetes, fatores que já são conhecidos como de risco para trombose (SANTOS. et al, 2016).

Em uma importante constatação feita por Ribeiro (2017) ele destaca que não se sabe, até o momento, se os contraceptivos hormonais combinados causam hipertensão ou simplesmente trazem à tona a hipertensão que existe e que eventualmente apareceria de forma espontânea.

No estudo realizado por COUTO, et al., (2020), destacam ainda que mulher, ao utilizar os contraceptivos hormonais orais, têm maior probabilidade de desenvolver tromboembolismo venoso (TEV), uma vez que os anticoncepcionais hormonais orais agem no sistema cardiovascular, porém, ressalta-se que esta associação é mais evidenciada com a utilização inadequada e a automedicação, que maximiza outros fatores de risco, como os genéticos, sendo indispensável orientação do profissional de saúde para o uso

Lima. et al, (2017) afirmam que, o estrogênio, especificamente o etinilestradiol, hormônio que compõe os anticoncepcionais hormonais combinados, induz alterações significativas no sistema de coagulação, acarretando aumento de trombina e dos fatores de coagulação e redução dos inibidores naturais da coagulação. Em relação à gravidade de um AVE, é seus danos a mulher, comparando as usuárias de anticoncepcionais orais de segunda geração com as de terceira geração, foi identificado aumento de 30% na taxa de morbidade, 260% na taxa de mortalidade e 220% na taxa de incapacidades.

Contraindicações do uso de anticoncepcionais orais

Como qualquer medicamento, os anticoncepcionais também apresentam algumas contraindicações, das quais, as mais frequentes são a hipertensão, tabagismo, doenças hormonais, e predisposição à trombose. Há uma necessidade de rever a atenção integrada às possíveis contra indicações existentes nas mulheres brasileiras, durante a orientação e tratamento à saúde sexual e reprodutiva (COUTO.et al, 2020).

Como descrito por Couto. et al, (2020) as mulheres com predisposição às doenças cardiovasculares e que utilizam contraceptivos hormonais têm apresentado risco elevado para trombose arterial, sendo que este risco está diretamente relacionado ao estrogênio presente na composição destes medicamentos. Na Europa e em países desenvolvidos, cerca de 13% dos casos de acidente vascular encefálico (AVE) em mulheres com idade entre 20 e 44 anos estão associados ao uso de anticoncepcionais hormonais orais.

Sobre certas circunstâncias, os contraceptivos hormonais orais são extremamente contraindicados; são elas: tabagismo, hipertensão arterial, patologias mamárias ou endometriais, diabetes, obesidade, alcoolismo, hiperlipidemia, comprometimento da função hepática e história de acidentes tromboembólicos (FERREIRA.et al, 2019).

Na revisão feita por Lima. et al (2017), destacam que a chance de ter um AVC torna-se mais elevada quando a mulher apresenta outras condições clínicas, como Lúpus Eritematoso Sistêmico (LES), tabagismo, hipertensão arterial, história de AVC anterior e enxaqueca. Portanto, a presença desses fatores de risco deve ser considerada na escolha e/ou indicação do anticoncepcional. Os principais fatores mensurados foram tabagismo e história de hipertensão arterial, tendo sido avaliados também a classe social, o uso de álcool, enxaqueca, hipercolesterolemia, obesidade e sedentarismo.

Dois outros artigos não apresentam às contraindicações dos anticoncepcionais, mas reafirmam sobre a gravidade de doenças cardiovasculares como hipertensão e destacam que ela é o primeiro fator de risco para doenças cardiovasculares, e sua prevenção e controle são questão prioritária da saúde pública (RIBEIRO. et al. 2018).

3 CONCLUSÃO

Todos os artigos selecionados para esta revisão concluíram que o uso dos anticoncepcionais hormonais orais, principalmente os combinados possuem relações com doenças cardiovasculares, em especial AVE. Também todos concordam que os anticoncepcionais direta ou indiretamente com o

risco de tromboembolismo, e também com o aumento de peso, e acúmulo de lípidos nos vasos sanguíneos que contribui para essas patologias.

A frequência dos efeitos adversos, decorrentes do uso dos anticoncepcionais, pode ser minimizada com a escolha do método contraceptivo, de acordo com a condição de saúde individual. Baseada na avaliação de todos os potenciais riscos e benefícios do método e, sobretudo, os antecedentes pessoais e familiares da mulher, o que facilitaria a adesão do tratamento (COUTO, et al., 2020).

Após essa revisão conclui-se que o método contraceptivo oral é um dos mais eficientes e que desde que escolhidos cautelosamente, reduzem bastante o risco de complicações. Para que isso seja possível é necessário incentivos por meio de políticas públicas aos profissionais e também melhores condições de acesso à informação pela população. Para aquelas mulheres que apresentam fatores de risco, outros métodos podem ser escolhidos para que seja evitada uma gestação indesejada, bem como controle de outros sintomas do período menstrual. A escolha do método bem como do anticoncepcional oral deve ser feita por um profissional.

REFERÊNCIAS

COUTO, Pablo Luiz Santos. et al. Evidências dos efeitos adversos no uso de anticoncepcionais hormonais orais em mulheres. Revista Enfermagem em foco. Artigo 11, pág 79-86. 2020. Acesso em 18 de março de 2021.

FERREIRA, Laura Fernandes. et al. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. Editora Femina, Volume 47. Pág 426-32. 2019. Acesso em 18 de março de 2021.

LIMA, Adman Câmara Soares. et al. A Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa. Revista Brasileira de Enfermagem. Vol. 70. Brasília, 2017. Acesso em 18 de março de 2021.

RIBEIRO, Cristiane Crisp Martins, et al. Efeitos de diferentes anticoncepcionais hormonais nos valores de pressão arterial da mulher. Revista Brasileira de Enfermagem. Vol. 71. Brasília, 2018. Acesso em 18 de março de 2021.

SANTOS, Alan Carlos Nery. et al. Proteína C Reativa em Usuárias de Contraceptivo Oral: Fatores Relacionados e Risco Cardiovascular. Revista internacional jornal de Cardiovascular. Salvador Julho.-ago. 2016. Acesso em 18 de março de 2021.

SOUZA, Marcela Tavares de. SILVA, Michelly Dias da. CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Revista Einstein. vol.8 no.1 São Paulo Jan/Mar. 2010. Acesso em 18 de março de 2021.

Sobre o(s) autor(es)

1-Acadêmica do Curso de Enfermagem 7º período, UNOESC/XANXERÊ - gabriela.zmieski@gmail.com

2-Acadêmica do Curso de Enfermagem 7º período, UNOESC/XANXERÊ - n.eia@hotmail.com

3-Mestre em Biociências em Saúde, Docente do Curso de Enfermagem da Unoesc/Xanxerê - pompermaier.c@unoesc.edu.br